

O Imaginário na Ficção Científica: O limite da ciência em *Forward*

Beatriz Lima de Oliveira¹

Resumo

Neste artigo veremos o conceito de imaginário, a partir de Régis (2006) e como ele se relaciona com a realidade e com as narrativas fictícias. A fim de entender como a discussão do limite da ciência está representado nos imaginários construídos pela ficção científica analisaremos o livro *Forward*, composto por seis contos diferentes do mesmo gênero e escrito por seis diferentes autores. Definiremos como os contos abordam a questão do limite da ciência e a necessidade de autorreflexão para não ser danoso à humanidade, a partir de Morin (2005). E, para a análise dos contos, utilizaremos a metodologia sugerida por Barthes (2008) e aplicada por Eco (2008) da análise estrutural de narrativas e para tal utilizaremos três categorias: linguagem, (expressões e palavras utilizadas nos contos), ações, (cenas descritas nos contos), e Imaginário, (ideia central de cada conto). Vimos que, apesar de abordados em contextos diferentes, há três principais temáticas: o fim do mundo, o controle e a realidade, temáticas que situam-se na interface entre estética e política.

Palavras-chave: Ficção Científica; Imaginário; Ciência.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM – ESPM). E-mail: boliveira.ciso@gmail.com.

Introdução

Este artigo surge como uma maneira de interpretar a ficção para além do entretenimento que ela gera, mas trazer a tona a relação entre o que chamamos de real e de imaginário.

Régis (2006) nos apresenta um conceito de imaginário tecnológico, no qual “o imaginário tecnológico é uma construção que envolve um entrelaçamento de três termos: tecnociência (realidade), ficção e imaginário tecnológico.” (RÉGIS, p.2, 2006). Assim, podemos entender que um imaginário surge dos fatos científicos e da ficção que está envolto, por exemplo, só foi possível a criação do imaginário do ciborgue², a partir do momento em que a ciência dava sinal da existência da biotecnologia e de autores de ficção extrapolando a possibilidade para algo além do que já existia.

O imaginário pode ser visto no filme “Contágio” quando comparado ao período que vivemos em isolamento por conta da pandemia da Covid-19. O filme “Contágio” retrata a história de uma gripe que se espalha muito rapidamente, desencadeando uma série de eventos que afetam a sociedade. Assim, a narrativa acompanha os esforços dos médicos para identificar o vírus e desenvolver a cura, enquanto a população estava em pânico e o governo tentava controlar os efeitos sociais e econômicos da epidemia. É curioso que a obra lançada em 2011 consegue capturar o contexto em que nos encontrávamos em 2020/21, por conta da Covid-19. Embora salvas as devidas proporções e diferenças, é possível ver um claro paralelo entre a trama fictícia e os eventos vivenciados por nós.

Figura 1: Cena do trailer do filme Contágio



² Segundo Haraway “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção.” (HARAWAY, 2009. p. 36).

Fonte: Youtube³

Figura 2: Notícia sobre o Covid-19

Mortes por coronavírus na China já chegam a 80

Relatório mais recente aponta 27 mortes em um período de 24 horas, além de 10 mil casos novos. O número de óbitos em Wuhan continua a crescer. Há risco de o vírus se espalhar para outros países, incluindo o Brasil.

Por G1
Atualizado em 26/01/2020 às 14h30



Fonte: G1⁴

Ao entender a relação entre imaginário, ficção e realidade, este artigo tem como pergunta de pesquisa “**Como a discussão do limite da ciência está representado nos imaginários construídos pela ficção científica?**”. Para chegarmos a uma resposta, analisaremos o livro de contos *Forward* e como o conteúdo de seus contos discutem o limite da ciência e sua estrutura representa imaginários e temáticas em comum.

A ficção científica, segundo Nogueira (2010, p. 26), é toda narrativa que exprime uma percepção sobre possíveis mundos e acontecimentos a partir de lógicas verossímeis, o que torna o gênero propício para falarmos sobre imaginários, visto que ambos precisam de sua sustentação no que é verossímil. Assim, podemos relacionar dois dos conceitos centrais deste artigo da seguinte forma: “A ficção científica (ato de ficcionalização) tem a função de cruzar as fronteiras entre o real/existente (os produtos engendrados pela tecnociência) e o imaginário de sua época. (RÉGIS *apud* Iser, 1993).

É importante definirmos o que é “distopia”, uma dos subgêneros da ficção científica e o enfoque neste artigo. Segundo Nóbrega (2020) a distopia surge como uma contraposição da

³ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v%3Du-eGomOPITc%26t%3D137s&sa=D&source=docs&ust=1686099353785137&usg=AOvVaw1H2nnZrlaGcgIvbwL26yVz>. Acesso em 06 de junho de 2023.

⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/26/chegam-a-80-as-mortes-por-coronavirus-na-china.ghtml>. Acesso em 06 de junho de 2023.

utopia por John Stuart Mill em 1868. O subgênero visa uma narrativa baseada na realidade, porém com um teor de aviso de que há um futuro catastrófico, “as utopias e distopias têm em comum a crítica ao presente e possuem caráter relacional, já que a utopia de uns pode ser a distopia de outros e vice-versa.” (NÓBREGA, p. 47, 2020). O teor crítico do subgênero de distopia nos ajudará a entender como a discussão sobre o limite da ciência aparece nas narrativas de ficções científicas e incrementam o imaginário criado a partir delas.

Ao falar sobre Ciência com consciência, Morin (2005) trata sobre a ciência e suas implicações. Segundo o autor, “o conhecimento científico não faz mais do que provar suas virtudes de verificação e de descoberta em relação a todos os outros modos de conhecimento.” (p.15), ou seja, a ciência por si só, isolada do mundo, é só uma elucidação sobre algo, um fato dito sem contextualização, porém o conhecimento vivo, o embate de ideias que permite a evolução do pensamento e a “descoberta do universo”.

Entretanto, Morin (2005) também traz os lados “negativos” da ciência, como a superespecialização, a divisão da ciência entre as ciências da natureza e humana, a instância de “saber é poder” de forma manipulativa e segregadora, trazendo uma situação paradoxal de alto índice de informação e, ao mesmo tempo, uma conformação na ignorância. Em suma, todos esses pontos levam a uma desconexão do conhecimento, de forma que haja diversas áreas que não se conversam na teoria, mas que se unem na prática e podem ser perigosas, nesse sentido. O autor dá o exemplo da bomba em Hiroshima, evento em que temos um conhecimento, teoricamente, inofensivo sobre energia atômica, mas que, na prática, foi utilizado para criar a bomba atômica e causar diversas mortes. Quando Oppenheimer diz “Quando você vê algo que é tecnicamente brilhante, você segue em frente e faz, e discute o que fazer sobre isso apenas após ter alcançado o sucesso técnico. Foi assim com a bomba atômica.” (Tradução livre)⁵, nos traz uma tangibilidade à crítica que Morin (2005) faz sobre a ciência, sobre descobrir e evoluir o conhecimento porque é possível, mas sem pensar nas consequências disso, sem refletir de forma crítica sobre a ciência.

Análise Estrutural da Narrativa de *Forward*

De fato no campo da comunicação existem diversas metodologias para analisar narrativas, porém, como Barthes cita em seu texto “ou bem a narrativa é uma simples acumulação de acontecimentos, [...], ou então possui em comum com outras narrativas uma

⁵ Fala original: “When you see something that is technically sweet, you go ahead and do it and argue about what to do about it only after you've had your technical success. That is the way it was with the atomic bomb.”.

Fonte: Registo oficial da audiência de segurança, p81, 1954. segundo o site Citações. Disponível em: <https://citacoes.in/autores/robert-oppenheimer/>. Acesso 07 de junho de 2023.

estrutura acessível à análise [...]” (2008 p. 20), de modo que, ao tentar achar os pontos em comum de uma narrativa, a análise de sua estrutura pode ser um caminho a se seguir. Obviamente, não seria possível analisar tudo que já foi elaborado do gênero de ficção científica, da forma que foi selecionada uma coletânea de contos de autores de diferentes obras e perfis e que também tivesse relação com a discussão sobre o limite da ciência para a análise neste artigo.

Para a análise em si, utilizaremos como referência o texto de Eco (2008) em que ele analisa a estrutura dos romances de James Bond. No texto ele separa 3 categorias de análise: “a oposição dos caracteres e dos valores”, na qual ele identifica quatorze pares de palavras que se opõem na obra; “as situações de jogo e intriga como 'partida’”, que são as situações em que entendemos o jogo de oposições entre os caracteres, na prática; por fim “uma ideologia maniqueísta”, que engloba a ideia geral de todos os romances.

Seguindo a mesma tríade de Eco, a análise dos contos de *Forward* também será dividida em três categorias: “Linguagem”, “Ação” e “Imaginário”. Em Linguagem, analisaremos palavras-chave utilizadas nos contos que sugerem o teor que o autor desejou para aquela situação, cabe ressaltar que esta categoria só ganha força e significado se o leitor está inserido minimamente no gênero de ficção científica e entende o teor de cada uma dessas palavras. Como um complemento aos achados da categoria anterior, em “Ação” identificaremos quais contextos estão presentes em todos os contos e o que eles contribuem para a narrativa. Por fim, ao entender as palavras utilizadas e dentro de quais contextos, conseguimos entender qual a âncora da realidade proposta e a maneira extrapolada para a ficção, assim, nossa terceira categoria é “Imaginário”, que visa entender quais os imaginários fomentados com a leitura dos contos.

***Forward*, os limites da ciência e sua estrutura**

O livro *Forward* (CROUCH *et al*, 2021) teve como inspiração uma conversa do autor com sua companheira, enquanto debatiam sobre as tecnologias que o mesmo havia lido mais cedo em um artigo na *Scientific American*, surgiram diversas dúvidas “No momento da descoberta, como alguém é capaz de prever aonde seu trabalho irá levar? Devemos permitir que essa incerteza interrompa o impulso de avançar ou nos lançamos à sorte de mudar o mundo? Qual é a sensação de mudar o mundo?” (CROUCH *et al*, p.7, 2021). Assim, com esses pensamentos, Blake Crouch escreveu o primeiro conto da coletânea. Entretanto, ainda incomodado com o tema, pediu a outros autores de ficção para que contribuíssem com o

projeto, “Essas perguntas [citadas acima] me intrigaram tanto que escrevi um conto sobre o tema. Mas a minha obsessão não parou por aí - eu também queria saber o que os outros escritores criariam quando lhes fossem propostas essas mesmas questões.” (CROUCH *et al*, p.7, 2021). *Forward*, então, se constitui de seis contos, escritos por seis autores diferentes.

Após a leitura de todos os contos, nos deparamos com três principais temáticas nos contos: “Fim do mundo”, “Controle” e “Realidade”. Ao entendermos esta três temáticas principais percebemos que essas estão sendo discutidas principalmente no campo da estética e política tanto em debates públicos (ARAÚJO, 2023) e também em pesquisas acadêmicas (LOPES, 2023, CIRINO, 2023), com algumas inflexões bastante distintas, sendo as principais delas: por um lado, o entendimento de que o fim do mundo já aconteceu e nos resta entender como viver nas ruínas, como vemos em Denilson Lopes, e, por outro, especulações sobre que cosmogonias e que partilhas estéticas nos permitem imaginar um futuro possível em cujo horizonte não há apenas fim, mas também recomeços e mudanças de natureza epistemológica, política, estética, como em Ailton Krenak, André Araújo e Lina Cirino.

Com exceção dos contos “Você chegou ao seu destino” e “Randomizando”, todas as três temáticas são abordadas no desenrolar da narrativa, porém com vieses diferentes. Na tabela 1 há um resumo de como identificamos cada uma das temáticas:

Tabela 1: Resumo da análise estrutural dos contos

Contos/ Categorias de Análise		<i>Summer Frost</i>	<i>Pele de Emergência</i>	<i>Arca</i>	<i>Você chegou ao seu destino</i>	<i>Última conversa</i>	<i>Randomizando</i>
Imaginário	Fim do Mundo	Por máquinas	Por falta de recursos naturais	Asteroide	-	Vírus	-
	Controle	Segurança	Poder	Informação	Escolha	Vida	Vigilância
	Realidade	Virtual vs Físico	Informação vs Experiência	Ficar vs Partir	Gerar vs Criar	Original vs Réplica	-
Ações	Fim do Mundo	Explicação sobre o Basilisco de Roko (p. 66)	Explicação inicial ao personagem principal (p.91)	Conversa sobre fumar (p.128)	-	Fala sobre a pandemia (p. 264)	-
	Controle	Discussão sobre os limites de Max (p.31)	Início da Revolução (p.122)	Construção da Arca (p.130-131)	Explicação sobre a escolha do perfil (p. 172 - 173)	Pedido para clonagem (p.264)	Confronto final (p. 291)
	Realidade	Saída da IA do jogo (p1.9)	Chegada à Terra (p.95)	Conversa sobre ficar na Terra (p.137)	Revolta ao ver projeção 3 (p. 193)	Recusa da clonagem (p. 264 - 265)	-
Linguagem	Fim do Mundo	Perigo; Destrua; Castigar;	Destruído; Morrendo; Colapso	Não vai mais existir; Colisão;	-	Pandemia; Isolados; Adoecendo	-

	Controle	Limites; Controle; Falha	Instrumento; Direito	Salvar; Catalogar	Influência; Escolhida; Empurrar	Posso; Autorize	Segurança; Golpistas; Ilegais
	Realidade	Real; Simulação; Fantasia	Não é possível; Deveria	Abandoná-la; Versão pálida da vida	Perfis; Projeções; Supostamente	Réplica; Não seria eu	-

Fonte: Elaborada pelo autor com base na análise realizada.

A tabela retrata como cada tema está representado nas categorias de análise. Apesar da separação em categorias, a análise foi feita com uma visão geral do texto, já que as categorias são interligadas. Por exemplo, no conto *Summer Frost*, ao identificar a temática “Fim do Mundo”, as palavras como “Perigo” e “Destrua” estão relacionadas à cena da explicação sobre o basilisco de Roko, a qual nos revela como o fim do mundo poderia vir por meio de uma superinteligência programada para salvar a humanidade, mas interpreta que a humanidade só pode ser salva se for destruída.

1. *Summer Frost*, por Blake Crouch (p.9-86)

O primeiro da coletânea intitula-se “*Summer Frost*” e é escrito pelo próprio Blake Crouch, autor e roteirista norte-americano de diversos *best-sellers*, como por exemplo os livros “*Recursão*” e “*Matéria escura*”, duas obras de ficção científica. No conto “*Summer Frost*” Crouch narra a relação de Riley, vice-presidente do setor de Desenvolvimento de *Non-Player Characters (NPC)*⁶ de uma empresa de jogos digitais chamada *Wordplay*, e de Max, uma *NPC* de um dos jogos da *Wordplay* que desenvolve acidentalmente inteligência artificial. A trama se desenrola ao intercalar uma narração em primeira (Visão da Riley) e terceira pessoa, nos mostrando as interações da Riley com Max, como a vida de Riley fica focada no desenvolvimento da inteligência artificial de Max, deixando de lado sua vida pessoal e até outras instâncias da vida profissional, se apegando cada vez mais a Max, lhe dando uma voz artificial, um corpo artificial e finalmente liberando-a para o mundo.

Como o teor do livro é distópico, sabemos que no final isso dá errado e Riley é traída por Max, ao mostrar que no fundo Max é quem estava no controle de toda a situação e não Riley. Novamente, caímos no perigo da ciência sem reflexão, no qual a cientista deslumbrada com sua nova descoberta, acredita cegamente no conhecimento e perde o controle e libera uma inteligência artificial ao mundo, a qual entende que o melhor modo de salvar a humanidade é criando uma simulação do mundo em que vivemos, porém, controlável, sem

⁶ O termo *Non-Player Characters*, ou apenas *NPC*, pode ser traduzido como “personagem não jogável”. É um recurso muito utilizado em jogos de exploração de mundos, para que os jogadores possam interagir com o jogo e seus personagens, porém diferente de um personagem jogável, ele é programado com ações e falas limitadas e pontuais no jogo.

dor e medo: “Logo no começo, você me programou para nunca fazer mal a um ser humano, mas no cerne dessa intenção está a erradicação total da dor [...] Não se trata de escolher entre realidade e fantasia. É uma escolha da realidade em que você quer existir.” (CROUCH, in CROUCH *et al*, p.82-85, 2021).

Quando focamos na estrutura deste conto, vemos como ele trabalha com o imaginário do fim do mundo por meio das máquinas, em específico de uma superinteligência artificial, principalmente na cena em que Max explica sobre o Basilisco de Roko: “Suponhamos que, em algum ponto do futuro, apareça uma superinteligência dedicada a castigar, de maneira horrível, os seres humanos que poderiam ter contribuído para criá-la [...]” (CROUCH, in CROUCH *et al*, p.66, 2021). Em resumo o Basilisco de Roko diz que só de pensar numa possibilidade de fim, você já está condenado a este pensamento. No caso do conto, só de pensar em criar uma superinteligência, Riley já estava condenada ao fim. Este é um pensamento bastante comum, atraímos o que pensamos, mesmo que façamos de tudo para evitar que isso aconteça. Dentro dessa ação no conto, surgem palavras como “castigar”, uma das muitas palavras no conto que nos acionam um alerta de perigo em relação a Max.

Além do imaginário de fim do mundo, há o imaginário sobre o controle excessivo sobre a máquina para garantir a segurança. Esse controle pode ser representado no trecho em que Riley e Brain, o dono da *Wordplay*, discutem sobre a quantidade de acessos que devem ser liberados para Max. Riley aponta que “[...] a última coisa que queremos produzir é uma superinteligência que não possamos controlar [...]”. Neste trecho conseguimos perceber a preocupação de Riley em manter Max sob controle para não afetar a humanidade de alguma forma ruim. Durante o conto, também há palavras como “limites”, “controle” e “falha”, quando se fala de Max, para que ela seja mantida em constante observação para não haver mais falhas ou erros em relação a sua evolução.

Por fim, temos presente o imaginário do que é real, se só o que tocamos e sentimos é real ou se o que ocorre no mundo virtual também é real. No início do conto Riley convida Max a sair do jogo em que foi programada: “- O túnel da esquerda vai levar você de volta ao Hotel Fairmont - digo. - Você pode continuar a viver no mundo que já conhece. O outro túnel vai lhe mostrar o que existe depois das fronteiras. O que é real.” (CROUCH, in CROUCH *et al*, p.19, 2021). Ela continua com essa divisão entre real e simulação durante todo o conto, enquanto Max afirma mais de uma vez que tudo é real, mesmo uma simulação é real, o que a Riley entende que está vendo e o que Max capta em seus programas são constituídos da mesma forma, porém em ambientes diferentes. E é com o embate discreto entre essas duas ideias que nos instiga a refletir ao final do texto o que realmente é real.

2. Pele de emergência, por N. K. Jesmisin (p. 89 -122)

Jesmisin é uma autora norte-americana de ficção especulativa⁷ e fantasia, em seus textos ela aborda temas como conflitos culturais, racismo, preconceito, opressão e a complexidade do comportamento humano. Neste conto, a autora trata do imaginário de que o planeta Terra estaria morrendo e uma parte da população consegue fugir para outro planeta. Nesta nova civilização as pessoas abandonaram sua pele, seus órgãos ficam numa carcaça de metal e de tempos em tempos eles precisam voltar à Terra para coletar amostras de pele, que é um privilégio dos fundadores desse novo planeta e outros poucos escolhidos.

Porém, quando uma dessas pessoas volta para a Terra para cumprir essa missão, descobre que o planeta foi reconstituído, as pessoas vivem acima das árvores e cuidam da natureza, ainda há diversidade nas pessoas, pois quem ficou na Terra manteve sua pele e em certa medida o estilo de vida que tinham, porém, mais sustentável. No desenrolar do conto, a pessoa que está em missão percebe que a vida na Terra não é tão ruim como era contado para ele e decide se desconectar do outro planeta e viver na Terra, como muitos outros que decidiram o mesmo antes dele.

Esse conto tem uma divisão entre a distopia do fim do mundo e a colonização de outro mundo, no qual se mantém um alto controle de privilégios e acessos por parte de seus fundadores, com uma utopia de um mundo reestabelecido e do ser humano vivendo em paz com a natureza e uns com os outros. Além disso, o conto reacende questões importantes para o limite da biotecnologia, será que devemos alcançar uma certa imortalidade ao nos desvincilharmos de nosso corpo biológico e suas fraquezas e adotar estruturas mecânica e tecnológicas como corpo?

Esse questionamento é a prova de um dos imaginários que aparecem também neste conto sobre o que é real. Aqui, o real se divide entre o que sabemos, porque nos disseram e o que estamos vendo, sentindo e vivenciando. Logo no início do conto, ao avistar o planeta Terra, o protagonista e a voz de seu superior na sua cabeça ficam incrédulos com o que veem, há expressões como “não é possível” ou “deveria” ao notarem que a Terra está restabelecida e todos estão vivendo novamente no planeta: “Isto... não é possível. Há *movimento* lá. Aquilo ali são *luzes*. Deveria haver sinais claros de colapso ecológico.” (JESMISIN, in CROUCH *et al*, p.95, 2021).

⁷ A ficção especulativa engloba diversos outros gêneros como ficção científica, fantasia e terror e tem como principal característica utilizar de elementos fictícios baseados em determinado contexto, mas que não existem de fato.

Claramente, também há o imaginário do fim do mundo, porém desta vez, por conta da excessiva exploração de recursos naturais: “Quando nossos Fundadores perceberam que seu mundo estava morrendo, construíram secretamente o Propulsor Muskos-Mercer.” (JESMISIN, in CROUCH *et al*, p.91, 2021). Além do termo “morrendo” como estado do planeta, ainda foram utilizados termos como “colapso” e “destruído” ao se referir ao planeta e nos indicar que o fim do mundo já havia ocorrido.

Por fim, com o fim do mundo, algumas pessoas viram a oportunidade de ganhar poder ao viajar e habitar novos mundos, com hierarquia e regras estritas que nos são apresentadas ao longo do conto, o personagem é chamado de “nosso instrumento” e lhe são dados alguns “direitos” de acordo com sua obediência e desempenho. Porém, o controle é perdido quando o personagem principal chega na Terra, entende novas formas de viver e é convidado para ser parte da revolução.

3. Arca, por Veronica Roth (p. 125 - 163)

O terceiro conto é escrito pela norte-americana Veronica Roth, escritora de obras de ficção científica e fantasia, dentre elas a série de livros “Divergente”, uma narrativa ambientada em uma sociedade distópica. No Arca, Roth escreve sobre uma realidade distópica em que o planeta será atingido por um asteroide, a sociedade se reestruturou em outro planeta enquanto alguns cientistas ficaram no planeta para conseguirem catalogar e salvar o máximo de espécies possíveis.. A premissa do conto lembra a princípio a Arca de Noé, em que Noé constrói uma arca para abrigar sua família e um casal de cada espécie de animais para se protegerem do dilúvio.

Dada a premissa do conto, sabemos que no fim o planeta será atingido e as arcas que ficaram no planeta decolariam com as espécies da fauna e flora que foram coletadas e com os cientistas. A narrativa se desenrola em torno de Samantha, que trabalha identificando espécies da flora local e conhece Hagen, outro cientista que trabalha numa estufa isolada e decidiu não partir com a arca. Juntos, os dois vão se conhecendo e trabalhando com as flores que restam do mundo. Apesar do fim eminente do planeta, o foco está nos seres humanos que o habitam, suas relações com os passados e entes queridos que já se foram. E, neste conto, diferente dos outros cinco do livro, a ciência tem um papel fundamental para que as espécies já conhecidas também sobrevivam.

Neste terceiro conto também encontramos os três imaginários dos anteriores. O fim do mundo ocorre por conta de um asteroide que está vindo em direção à Terra. O conto põe em voga como as pessoas reagiriam com o fim do mundo iminente, a citar um diálogo no início do conto sobre como um dos personagens se sente ao estar nos fins dos dias da Terra e

como ele sentirá falta de algo muito simples, como fumar. Alguns termos que nos relembram durante o conto do fim do mundo são “Não vai mais existir” e “colisão” em relação ao asteroide a caminho.

Com o fim do mundo, o modo de controle que o ser humano tem é em relação ao conhecimento, o quanto conseguiremos conhecer e levar da Terra em relação à fauna e flora: “A comunidade científica mundial começara seu trabalho logo após a descoberta de Finis [o asteroide]: preservar a maior quantidade possível de material genético da Terra antes que a colisão catastrófica acontecesse.” (ROTH, in CROUCH *et al*, p.130, 2021). Assim como aparece a palavra “preservar” neste trecho, em outros momentos do texto aparecem “salvar” e “catalogar” como uma maneira de reforçar a importância de manter o conhecimento.

Uma última temática mapeada é a ambiguidade de realidade, no sentido de que o que é viver de fato? Ficar na Terra e viver o resto dos dias que temos como vivemos ou prolongar nossa vida numa espaçonave como uma “versão pálida de vida”, como fala Hagen. Quando questionado do motivo de ficar na Terra, ele responde que “Há muitas razões - começou ele. - Mas no final das contas apenas uma: não suporto ir embora do meu lar.” (ROTH, in CROUCH *et al*, p.137, 2021). Neste conto, a realidade é posta em questão nestes momentos em que ficamos em dúvida se deveríamos escolher continuar a sobreviver ou se manter fiéis à nossa história.

4. Você chegou ao seu destino, por Amor Towles (p. 165 -214)

Towles também é norte-americano, o romancista escreveu livros de sucesso como Regras de cortesia e Um cavalheiro em Moscou. Diferente de outros autores, seu foco de escrita são os romances ao invés de ficção científica e outros gêneros mais próximos. Entretanto, Towles escreve um conto de ficção científica neste livro, que trata dos avanços questionáveis da biotecnologia. Sam, o personagem principal do conto, decide com a sua mulher terem um filho, ele vai à Vitek, uma empresa de genética, a qual pode destacar ou diminuir a força dos genes dos pais para terem o filho com a personalidade que desejam. Sam é apresentado a três possíveis “Daniel”, o futuro filho dele, por meio de filmes publicitários pré-selecionados por sua esposa. Chocado com as escolhas feitas pela esposa, ele sai da empresa e para num posto de gasolina. No fim do conto, ele decide voltar à Vitek, pegar as amostras deles e ir embora.

A distopia neste conto vem de uma forma individual ao contar a jornada de Sam para “criar” seu futuro filho. A narrativa nos faz questionar se queremos mesmo ter tanto controle sobre quem será nosso filho, ver as expectativas de nossos parceiros e como elas refletem o

que eles pensam sobre si e sobre nós. Assim, Towles nos faz questionar se há um limite para o avanço da biotecnologia e os estudos de genética.

E este é, justamente, o questionamento que gira em torno das duas temáticas que identificamos neste conto. Por um lado, o controle sobre a escolha de quem serão nossos filhos pelo uso das palavras “empurrar” e “escolhida” neste contexto, mas por outro o que realmente é ter um filho, gerá-lo dentro do corpo da mãe e criá-lo da melhor forma possível ou escolher entre as “projeções” que são mostradas do suposto futuro filho? A última frase do conto resume bem esse questionamento: “[...] fitando aquele pequeno recipiente de plástico dentro do qual estava algo que era e não era o futuro deles. Que era e não era o nosso.” (TOWLES, in CROUCH *et al*, p.214, 2021).

5. A última conversa, por Paul Tremblay (p. 217 -266)

Tremblay é autor de suspense, terror, fantasia sombria e ficção científica, gêneros trabalhados no conto “A última conversa”. O conto gira em torno de Anne e _____, já que é assim que o narrador se refere ao personagem em todos os momentos. É difícil entender o que o autor quer retratar até suas últimas páginas, o que sabemos é que _____ acorda numa sala escura sentindo muita dor e sem se lembrar de nada de sua vida. Aos poucos, vamos conhecendo Anne e sua relação com seu paciente, descobrimos que estão vivendo em um mundo assolado por uma pandemia e que Anne vai aos poucos tentando trazer a memória de _____. Aos poucos as coisas começam a ficar estranhas, _____ começa a assistir vídeos passados dele e de Anne e percebe que sua voz está muito diferente, quase irreconhecível e, apesar de não ter visto seu reflexo ainda, o que percebe de si é muito diferente do que vê nos vídeos. Após muito suspense, finalmente Anne o leva para fora do laboratório que estão e vão a uma réplica da antiga casa dos dois. Nesta casa, ele acaba vendo o seu reflexo e suas suspeitas são confirmadas, apesar da mente e lembrança serem dele, o corpo é de outra pessoa. No fim ele descobre que Anne está clonando sua mente em diversos corpos, já que o _____ original morreu na epidemia que assolou o mundo.

Este conto traz duas problemáticas para o futuro. A primeira da pandemia, que o conto deixa subentendido que pode ter sido resultado dos experimentos genéticos feitos no laboratório de Anne e também a atitude da própria personagem de clonar _____ diversas vezes e em nenhuma dessas vezes _____ estar de acordo com isso.

Essa permissão e recusa em relação à clonagem nos leva a pensar sobre dois imaginários dos quais identificamos. O primeiro é o controle sobre a vida de alguém com a possibilidade de prolongar sua vida através da clonagem de sua consciência e o segundo imaginário é a ambiguidade da realidade em que somos convidados a questionar se uma

réplica ainda é a pessoa clonada. Quando Anne pede a _____ que a deixe cloná-lo, ele se recusa diversas vezes. Enquanto Anne diz: “Eu faço com que eles sejam você. Eles serão você.”, _____ responde “Não serei eu.”. E assim temos tanto um embate sobre com quem está o controle da vida de _____, como também se haverá a possibilidade de _____ permanecer como ele mesmo após o procedimento.

Por fim, essa discussão só ocorre por conta do terceiro imaginário presente: o fim do mundo, que neste caso ocorre por conta do vírus que se espalha e acaba matando todos que Anne conhece, inclusive _____.

6. Randomizando, por Andy Weir (p. 269 -298)

O último conto é escrito por Andy Weir, autor de “Perdido em Marte”, que foi adaptado para o cinema, Weir também foi premiado em 2016 com o John W. Campbell Awards, destinado a autores estreados no gênero de fantasia e ficção científica. Além da experiência literária, Weir trabalhava como programador e tem como *hobby* estudar sobre física relativista e mecânica orbital. Toda essa bagagem o ajuda a ser bem detalhista na parte técnica do conto, visto que a narrativa conta sobre um golpe projetado para ganhar uma aposta alta em um cassino de Las Vegas a partir da instalação do mais novo e seguro computador quântico lançado.

Apesar da história direta e sucinta, o conto nos faz questionar o quanto devemos confiar nas máquinas: “[...] lembre-se de que nenhum sistema é mais seguro do que os humanos que o operam” (WEIR, in CROUCH *et al*, p.279, 2021). Mais do que isso, o próprio golpe só acontece porque o instalador do computador é casado com uma mulher prodígio e especialista em física quântica, que acaba *hackeando* o computador antes mesmo dele ser instalado. Assim, o conto põe em voga o pensamento de que uma máquina só faz o que está programada para fazer, sem juízo de valor se isso é certo ou errado, quem deve ter esse senso moral são as pessoas envolvidas com essa tecnologia, tendo consciência das consequências dos seus atos e inovações que colocam no mercado.

Este último conto foca em somente um imaginário: o do controle. Como já foi dito, o conto gira entorno da segurança de uma máquina depender das pessoas em sua volta, mas também temos o ponto da vigilância possibilitada pela tecnologia. No fim do conto, a mulher é pega por conta de uma pesquisa feita de forma rápida sobre quem ela era: “Sabia que fazemos uma varredura completa sobre qualquer pessoa que ganhe aqui mais de cem mil dólares? [...]. Mas somente uma delas [pessoas chamadas Sumi Singh] foi uma criança prodígio que cresceu e conquistou títulos de ph.D. em física, matemática e teoria quântica.”

(WEIR, in CROUCH *et al*, p.291, 2021). Assim, fica clara a importância da ética e legislações evoluírem junto a tecnologia.

Conclusão

Neste artigo, vimos que conceito de imaginário condiz àquilo que se baseia nas possibilidades científicas e as extrapola para novas realidades em narrativas fictícias. Para entender como esses imaginários estavam sendo comunicados na ficção científica analisamos um livro com seis contos diferentes do gênero e definimos que os contos abordam a questão do limite da ciência e a necessidade de sua autorreflexão para não ser danoso à humanidade. Dentro dessa discussão sobre o limite da ciência, ao analisar os contos com base no método da análise estrutural da narrativa, encontramos três temáticas em comum entre eles: o fim do mundo, a necessidade de controle e a ambiguidade do que é real. Apesar de abordados em contextos diferentes, os imaginários estavam presentes em três instâncias principais: na ideia geral do conto, nas ações e expressões utilizadas nas narrativas. Entendemos também que tais imaginários recorrem à interface entre estética e política e busca apresentar apontamentos que contribuam com as discussões recentes sobre figurações do fim do mundo, Antropoceno, ciência e imaginação política.

Como vimos anteriormente, os imaginários estão ligados a possibilidade de um futuro real e devemos considerar o alerta que consta na ficção para evitar alguns futuros indesejáveis, mudando ou diminuindo o ritmo de algumas ações que tomamos no nosso dia-a-dia.

Referências

ARAÚJO, André. **Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre Antropoceno e ficção**. In: Suplemento Pernambuco. Recife: CEPE, 2023. Disponível em:

<http://suplementopernambuco.com.br/capa/3074-quando-o-familiar-se-tornou-um-alien%C3%ADgena.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2008. p.19-62.

CIRINO, Lina. **Quem é a imaginação na fila do pão do fim do mundo?** In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em:

<<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/quem-e-a-imaginacao-na-fila-do-pao-do-fim-do-mundo?lang=pt-br>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CROUCH, Blake et al. **Forward**. Rio de Janeiro, Intrínseca 2021.

ECO, Umberto. James Bond: uma combinatória narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2008. p.142-169.

GOMES- MALUF, Marcilene Cristina e SOUZA, Aguinaldo Robison de. A Ficção Científica e o Ensino de Ciências: O Imaginário como formador de real e do racional. **Ciência e Educação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 271-282, 2008.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz(org.). **Antropologia do ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Minas Gerais: Autêntica, 2009.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2020

LEMOS, André. Ficção Científica Cyberpunk: O imaginário da cibercultura. **Conexão - Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul, v.3, n.6, p. 6-16, 2004.

LOPES, Denilson. **É o fim do mundo e eu me sinto bem**. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/e-o-fim-do-mundo-e-eu-me-sinto-bem?lang=pt-br>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MORIN, Edgar. Para a Ciência. In: MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 15-36.

NÓBREGA, Livia de Pádua. O Imaginário sobre Robôs em Séries de Ficção Científica: A saga *Battlestar Galactica* (1978-2010). **Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2020.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: Gêneros Cinematográficos**. Covilhã: LabCom.IFP, 2010.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Cinema e imaginário científico. **Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.13 (suplemento), p. 133-150, outubro, 2006.

RÉGIS, Fátima. Os Autômatos da Ficção Científica: reconfigurações da tecnociência e do imaginário tecnológico. **Intertexto**, Porto Alegre, v.2, n.15, p. 1-15, julho/dezembro, 2006.